



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Teorias e Metodologias

Racionalidade científica: o lugar de Harriet Martineau no âmbito do património teórico e metodológico da sociologia

CORREIA, André Brito; Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; correia@fe.uc.pt

FORTUNA, Carlos; Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; cfortuna@fe.uc.pt

Resumo

As abordagens contemporâneas sobre teorias e metodologias não se circunscrevem aos debates sobre novos paradigmas, correntes, métodos e técnicas. Torna-se também valioso considerar as maneiras pelas quais se efetua uma reavaliação do papel de autores e de autoras que foram figuras importantes na emergência e desenvolvimento da sociologia, nomeadamente no que diz respeito ao legado que deixaram em termos de reflexão sobre a vida social e dos protocolos de cientificidade a ter em conta. Deste modo, torna-se essencial o trabalho de (re)apreciação da obra de uma série de pensadores/as e investigadores/as do passado que foram objeto de esquecimento ou secundarização. O presente texto debruça-se sobre o caso de Harriet Martineau, autora inglesa do século XIX, cujos textos, ideias e pesquisas têm sido objeto de um interesse crescente das últimas quatro décadas do século XX até ao presente.

Palavras-chave: Harriet Martineau; racionalidade científica; investigação sociológica; patrimónios teóricos e metodológicos

XAPS62640

Introdução

Harriet Martineau (1802-1876) foi uma das figuras pioneiras da constituição do conhecimento científico da sociedade. Tal afirmação resulta da nossa avaliação sobre o modo como a abordagem do trabalho da autora permite equacionar diversas questões que foram marcando as ideias, os métodos e as técnicas das ciências sociais desde a sua emergência e posterior institucionalização. Deste ponto de vista, refletir sobre a importância da obra desta pensadora inglesa do século XIX é uma forma de tratar problemas de *sempre* do universo do conhecimento científico-social. Discutir o significado dos contributos de Martineau propicia, assim, um regresso ao período em que a sociologia, em particular, se foi posicionando de modo a se configurar como um campo disciplinar próprio. Esta discussão não se apresenta como uma tarefa excêntrica ao mundo das ciências sociais, na medida em que um dos aspetos marcantes desta forma de conhecimento reside no modo como os avanços e mudanças, tanto teóricos como metodológicos – inevitáveis que mais não seja porque as sociedades e as suas dinâmicas conhecem transformações que é preciso registar –, nunca se desligam do património constituído pelo pensamento e pesquisa de quem foi produzindo análises sobre os contextos sociais da vida. Se este património nos reenvia para aquilo que foi pensado e pesquisado sobre as estruturas e evoluções sociais, também encerra questões *novas*, que o regresso e a reavaliação de autores e autoras do passado histórico das disciplinas ajudam a (re)descobrir.

Deste ponto de vista, a pertinência e o retorno do pensamento de Harriet Martineau justificam-se por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque o trabalho que realizou a torna uma pensadora que deve figurar ao lado de autores como Comte, Durkheim ou Max Weber, nomeadamente no que diz respeito ao seu legado de reflexão sobre a vida social, os protocolos de cientificidade a ter em conta, bem como os meios de articulação do avanço científico com a sua promoção. Susan Hoecker-Drysdale, socióloga com trabalho de fundo sobre a obra de Martineau, refere-se-lhe como tendo sido “uma figura destacada na tradição da ciência social britânica e do pensamento sociológico do século XIX” (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 1). Recorde-se que Martineau viveu num período em que a ciência sociológica ainda não se tinha institucionalizado como disciplina autónoma, o que permite que Susan Hoecker-Drysdale a designe como alguém que, embora sem esse título, era “uma socióloga na prática” (*ibidem*, p. 4)¹.

Em segundo lugar, tratar da obra e pensamento de Harriet Martineau insere-se num conjunto de reflexões, críticas e balanços dos contributos da autora inglesa que,

sobretudo nas décadas mais recentes, autorizam a confrontar a desvalorização, a negligência e mesmo o esquecimento *post mortem* a que autora foi sujeita. Com efeito, as novas questões que se colocam à teoria e metodologia da sociologia na atualidade incluem, entre muitos outros aspetos, o trabalho de reconfiguração crítica do cânone da disciplina.

Os textos de Harriet Martineau desenvolveram-se em diversas áreas e temáticas: divulgação científica para um público alargado, economia política, teoria e metodologia referentes ao estudo das sociedades, história, jornalismo e literatura. Neste artigo, a escrita da autora inglesa é abordada naquilo que diretamente mais diz respeito às questões da construção do património teórico e metodológico da sociologia.

O regresso de Harriet Martineau

Os textos e o pensamento de Harriet Martineau tornaram-se objeto de significativa “redescoberta” apenas a partir dos anos 60 do século XX, tendo o interesse na sua obra conhecido maior impulso a partir dos anos 90. Para tanto, muito contribuiu o facto de a obra célebre de Martineau, intitulada *Society in America*, ter sido reeditada em 1962, em versão resumida por Seymour Martin Lipset. Na mesma década, também o historiador americano Robert K. Webb contribuiu para o conhecimento público de Martineau, com a publicação de uma biografia dessa autora. Em 1992, é publicado o livro *Harriet Martineau: First Woman Sociologist* da autoria de Susan Hoecker- Drysdale, em que se procede a uma análise e síntese dos principais acontecimentos da vida da autora inglesa e dos textos que publicou em múltiplos domínios, acompanhados de referências ao envolvimento de Martineau enquanto ativista e figura pública.

Estamos longe de pretender oferecer aqui uma lista exaustiva dos contributos e dos comentários dedicados à vida e obra de Harriet Martineau. Todavia, permitimo-nos acrescentar, desde já, o nome de duas outras autoras, Patricia Madoo Lengermann e Jill Niebrugge (1996, pp. 294-328), que abordaram o trabalho sociológico pioneiro de diversas mulheres em termos de teoria social, no período que vai de 1830 a 1930. Assim, as reflexões que dedicaram a Harriet Martineau (Lengermann & Niebrugge, 1996, pp. 296-302) são apresentadas num âmbito mais vasto, ao lado de considerações sobre os contributos de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), Jane Addams (1860- 1935) e a sua associação ao conhecido círculo *The Women of Chicago*², Anna Julia Cooper (1859-1964), Ida Wells-Barnett (1862-1931), Marianne Schnitger Weber (1870-1954) e, por fim, Beatrice Potter Webb (1858-1943).

Em termos de obras coletivas sobre a vida e os textos de Harriet Martineau, destacamos dois trabalhos recentes, publicados já no presente século. O primeiro deles, focado em múltiplos aspetos referentes à sociologia e com contributos oriundos de autores e autoras com formação nesta disciplina académica, foi editado por Michael R. Hill e Susan Hoecker-Drysdale (2003a), com o título *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Na introdução, Helena Znaniecka Lopata destaca a relevância estratégica da obra que constitui

um contributo muito importante para a história da sociologia, tanto porque nos fornece extensas análises de uma pioneira sociológica quase esquecida quanto porque inclui uma ligação comparativa com as teorias de outros pioneiros sociológicos e com a história e a erudição americana e britânica (Lopata, 2003, p. xvii).

A segunda obra coletiva a mencionar faz o elogio da diversidade temática do pensamento de Harriet Martineau, mostrando como os seus textos se relacionam mas não se restringem apenas aos domínios de interesse sociológico, dando conta igualmente de outras expressões e relatos sobre a vida social. Trata-se do livro editado por Valerie Sanders e Gaby Weiner (2017), intitulado *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines: Nineteenth-century intellectual powerhouse*. Ao longo dos seus capítulos, a obra esclarece como o contributo intelectual da autora foi também crucial para a evolução de áreas como a economia política, a história, o jornalismo, a educação, a literatura ou a psicologia. Esta diversidade reflete-se igualmente no leque de formações académicas dos autores e autoras dos textos presentes neste livro, apresentando-se a sociologia com menor peso comparativamente à outra obra coletiva acima mencionada.

No seu muito influente *Sociologia*, Anthony Giddens inclui Harriet Martineau no leque de autores mais marcantes do processo de emergência e constituição da sociologia como área do conhecimento, considerando mesmo que “[a] obra desta autora é relevante para os sociólogos dos nossos dias” (Giddens, 2013, p. 19)³.

No que diz respeito ao caso português, salientamos dois textos escritos na presente década⁴. Assim, em “As faces de Harriet Martineau”, Cristina L. Duarte e João M. Feijão (2012) destacam alguns dos principais marcos da biografia da autora inglesa e mostram como a sua obra foi uma precursora importante na pesquisa sociológica, dando um destaque especial a conteúdos presentes na sua obra *Society in America*. Os autores

oferecem um retrato de Martineau assinalando que “[d]urante a idade adulta e na maturidade foi uma socióloga e teórica assim como uma analista de primeira água, empreendendo estudos pioneiros, substantivos e metodológicos, naquilo que hoje se chama Sociologia” (Duarte & Feijão, 2012, p. 31). Os autores salientam igualmente o cariz precursor da escritora da época vitoriana no que diz respeito ao feminismo e ao estudo das condições de vida das mulheres, dando-nos igualmente conta da relevância dos seus textos jornalísticos e tomadas de posição públicas.

Num outro texto sobre esta temática, intitulado “Harriet Martineau: socióloga radical e feminista *avant la lettre*”, Maria João Silveirinha e Virgínia Ferreira (2019) começam por discutir a forma como o pensamento social e a teoria sociológica, em particular, remeteram para o esquecimento uma série de mulheres cujo trabalho tem um significado profundo e substancial dentro daquilo que se considera o património clássico da sociologia. Exploram os aspetos biográficos relativos a Martineau que permitem contextualizar as suas ideias, os seus textos e as suas intervenções enquanto ativista e figura pública. Deste modo, procedem a um exame crítico centrado na ação e pensamento de Martineau em torno de diversos eixos: os seus primeiros escritos, os trabalhos referentes à divulgação das ideias da economia política, as ideias e observações de cariz mais marcadamente sociológico, a atividade como jornalista, as suas reflexões sobre doença e cuidados médicos, bem como o cariz pioneiro do seu feminismo, sendo de destacar a forma como analisou a vida das mulheres da sua época, nomeadamente no contexto laboral.

Os textos que destacamos até aqui sobre o pensamento, a vida e a obra de Harriet Martineau são ilustrações de que se operou uma evolução no sentido de se tentar integrar o nome desta última dentro das referências significativas da constituição da disciplina sociológica. Esta evolução remete-nos, por seu turno, para as novas questões ligadas à reconfiguração do cânone sociológico e às tarefas de exame crítico que implica. Com efeito, como nos mostra Vineeta Sinha (2007), trabalhar com base na intenção de questionar e alargar os limites desse cânone implica nomeadamente “defender a necessidade de refletir sobre os critérios em uso e considerar outros que possam ser mais relevantes e mais amplos em seu alcance” (Sinha, 2007, p. 20). Desta forma, trata-se de “expandir o terreno de jogo em vez de restringi-lo” (*ibidem*, p. 22).

Outra das tarefas importantes num exame crítico das reconfigurações do cânone sociológico tem a ver com a avaliação do impacto, profundidade e significado da “redescoberta” das ideias e pesquisas de determinados autores e autoras. Aplicada ao

caso de Harriet Martineau, esta tarefa, de acordo com a análise efetuada por Vineeta Sinha, revela-nos um *regresso* problemático. Por um lado, constata-se que o nome da autora inglesa do século XIX adquiriu, sobretudo nas últimas décadas, um reconhecimento que lhe era devido e que não obteve durante a maior parte do século XX. Além disso, os estudos contemporâneos que lhe foram sendo dedicados mostram que “é de facto justificável ver Martineau como uma pensadora social e uma importante socióloga pioneira” (Sinha, 2007, p. 11). No entanto, por outro lado, após décadas de “pesquisa sociológica e histórica sustentada sobre Martineau [...], ela ainda permanece nas margens da disciplina” (*ibidem*, p. 13)⁵. De acordo com Sinha (2007, pp. 13-17), esta situação explica-se através de diversos elementos, tais como a ausência de Martineau nos conteúdos das disciplinas e currículos de muitos cursos de formação superior em sociologia e o modo desadequado, insuficiente ou mesmo inexistente como são tratadas as suas ideias e pesquisas em múltiplas publicações, com especial destaque para aquelas que operam como (re)produtoras daquilo que é considerado canónico. Deste modo, Sinha (2007) lança a interrogação, a propósito de Harriet Martineau: “em perigo de ser esquecida uma vez mais?”.

Harriet Martineau, protagonista no palco da sociologia

Para tratar as questões de *sempre* da racionalidade científica que Martineau trabalhou, é importante fazer referência ao conjunto de movimentos e ideias que foram inspirando e influenciando a sua abordagem.

Uma das grandes influências no pensamento e obra de Harriet Martineau foi a filosofia e sociologia francesas, destacando-se as ideias de Montesquieu, de Condorcet, de Saint-Simon e de Auguste Comte. O iluminismo e o positivismo configuraram-se, assim, como objeto de grande atração intelectual por parte de Martineau que ali encontraria pistas para possíveis respostas a várias das suas inquietações em termos de conhecimento.

O Iluminismo teve influência na formação e trajetória intelectuais de Harriet Martineau, configurando-se como um movimento que concedia um papel crucial à razão no conhecimento do mundo, quer natural quer social, sendo necessário identificar as leis que o regem de modo a analisar e explicar a realidade. É neste contexto que assumem grande relevo os pensamentos de Montesquieu (1689-1755) e de Condorcet (1743-1794). Susan Hoecker-Drysdale considera Harriet Martineau uma descendente do Iluminismo, sendo guiada pelas ideias e princípios da perfeitibilidade dos seres

humanos, do progresso social e da importância do pensamento racional e da sua promoção na sociedade (Hoecker-Drysdale, 1992, pp. 3 e 21). Ora, para Martineau, a filosofia e as ciências que estudavam os seres humanos (*moral sciences*) eram essenciais para se avançar em termos do desenvolvimento humano e para obter uma evolução social benéfica. Deste modo, ciência, aperfeiçoamento pessoal e progresso social encontrar-se-iam indissociáveis⁶.

No contexto britânico, além das influências e impactos que as ideias iluministas oriundas do continente aí tiveram, desenvolveu-se igualmente o chamado *Iluminismo escocês*, tendo como representantes figuras como David Hume (1711-1776) e Adam Smith (1723-1790), por exemplo. Para alguns comentadores, o *iluminismo escocês* representa uma variante proto-sociológica do pensamento, apostada na busca de alternativas à lógica contratualista, assente nas disposições individuais dos sujeitos, em vez da saliência concedida às relações interpessoais (Ferreira *et al.*, 2013, pp. 71-72).

Por seu lado, o pensamento de Saint-Simon (1760-1825) e do seu discípulo Auguste Comte (1798-1857) seria de molde a conceber uma organização específica das ciências em função da explicação racional da realidade e não com base em pressupostos religiosos, metafísicos ou outros, não sustentados pela comprovação, experimentação e observação empíricas. Além disso, estava subjacente a estas ideias que o conhecimento positivo, científico e objetivo era de importância crucial para o progresso das sociedades.

Encontramos, assim, entre muitos outros aspetos que marcam a influência de Martineau na emergência da sociologia, a obra *The Positive Philosophy of Auguste Comte*, ou seja, a tradução e condensação feita pela autora inglesa entre 1852 e 1853 da obra de Auguste Comte intitulada *Cours de Philosophie Positive* (junção de textos publicados pelo autor francês entre 1830 e 1842). O próprio Comte, muito satisfeito com essa versão em língua inglesa das suas ideias, escreveu a Martineau dizendo que ela certamente iria estar para sempre ligada à sociologia devido ao seu trabalho de mérito no caso em apreço.

Dito isto, convém sublinhar o facto das pesquisas da vida social e reflexões de carácter metodológico da autora inglesa não se poderem enquadrar no seio da versão positivista de ciências sociais que ganhou preponderância no século XIX. Deste ponto de vista, a autora inglesa praticou uma sociologia que se afasta, em múltiplos aspetos, daquilo que foi a abordagem de autores como Comte ou Durkheim, entre outros. Como nos diz Susan Hoecker-Drysdale (2003a, p. 170), “Martineau estava longe de ser uma

‘discípula’ de Comte ou uma forte defensora do positivismo comteano”. Por seu lado, Lengermann e Niebrugge (2003, pp. 75-97), num texto dedicado a comparar, em termos teóricos e metodológicos, a obra *How to Observe Morals and Manners* de Martineau com a de Durkheim intitulada *As regras do método sociológico*, apesar das convergências detetadas entre os dois autores, assinalam igualmente as suas divergências e o modo como, enquanto “em Martineau temos o início de uma tradição feminista e de uma tradição crítica na teoria social [...] no trabalho de Durkheim temos um desenvolvimento da sociologia cientista e funcionalista” (2003, p. 76). Noutro texto, estas mesmas duas autoras (Lengermann & Niebrugge, 1996, p. 298), referem que “[o] assunto da sociologia, na sociologia de Martineau, é a *vida social na sociedade* – os seus padrões, causas, consequências e problemas. Neste foco ela é ao mesmo tempo semelhante e diferente de Comte e Spencer”.

Foi sob a influência das diversas disputas sociofilosóficas referidas nas secções iniciais deste ponto do presente artigo e com manifesta preferência pelos argumentos racionalistas que o pensamento de Harriet Martineau haveria de analisar a questão social das mulheres, no que constituía uma das várias formulações profeministas da Europa ocidental. A sua abordagem foi dupla e repartiu-se, a um tempo, pelo investimento intelectual em profusa literatura política e jornalística e pelo envolvimento ativista e militante na “causa” dos direitos das mulheres. Deste modo, e no que hoje se traduziria por uma assumida condição de “intelectual pública”, Martineau abordou em inúmeros escritos os modos de vida de mulheres de distintas posições de classe e ocupações profissionais, em articulação com tomadas públicas de posição em favor de uma igualdade de oportunidades políticas e educacionais, o que colocava em causa estereótipos e convenções patriarcais da época.

Pode dizer-se que foi este envolvimento com os processos sociais ligados ao género que levou, em boa medida, Harriet Martineau a ocupar um papel pioneiro em termos de reflexão tipicamente sociológica. A autora inglesa estudou e refletiu sobre temas ligados aos papéis sociais atribuídos às mulheres e à forma como estas os desempenhavam, estabelecendo os possíveis contrastes com as condições e modos de vida dos homens, sem o que nenhuma análise da vida e das estruturas sociais se poderia fazer com seriedade.

No entanto, como é sobejamente conhecido, os homens que acabariam por ser consagrados como *as* figuras maiores da teoria sociológica clássica haveriam de dedicar escassa atenção a todo esse tipo de problemáticas. Como sintetiza George Ritzer,

Os homens que assumiram a centralidade no ofício – de Spencer, passando por Weber e Durkheim – deram respostas basicamente conservadoras aos argumentos feministas que os rodeavam, tornando as questões de género um tópico inconsequente ao qual eles respondiam convencionalmente em vez de criticamente no que identificaram e promoveram publicamente como sociologia (Ritzer, 1996, p. 8).

Juntando o nome de Harriet Martineau a outras autoras pioneiras da sociologia a que já se fez referência anteriormente, verificamos que os seus trabalhos e textos contemplaram um diversíssimo leque de áreas de investigação abarcando temas que foram negligenciados pelos homens sociólogos nesses primeiros tempos da modernidade, como as relações entre homens e mulheres, as desigualdades de género, a vida doméstica, familiar e quotidiana, etc.

Maria João Silveirinha e Virgínia Ferreira reconhecem que a marginalização do pensamento de Martineau e de outras pensadoras da segunda metade de Oitocentos não foi determinada apenas pelo facto de se encontrar desligado da visão de ciência que haveria de alcançar maior reconhecimento e legitimidade institucionais. Segundo estas autoras,

a secundarização do seu trabalho e pensamento foi fortemente determinada pelo facto de serem mulheres, numa época em que a academia começou a admiti-las como estudantes, mas lhes recusava o estatuto de académicas e lhes negava o reconhecimento da sua capacidade intelectual (Silveirinha & Ferreira, 2019, p. 102).

Dito isto, convém, no entanto, acrescentar que as análises sociais e históricas de Harriet Martineau não se confinam ao que diz respeito a temáticas mais centradas numa agenda de cariz feminista. Ainda que ancorada na sua experiência de vida como mulher e permeada por uma sensibilidade às condições de vida da população feminina, como demonstram Patricia Madoo Lengermann e Jill Niebrugge, a abordagem sociológica de Martineau “não produziu apenas uma sociologia do género. É uma sociologia geral com relevância teórica para todos os aspetos da vida social” (Lengermann & Niebrugge, 1996, p. 301).

Esta amplitude da natureza sociológica dos trabalhos de Martineau está concretizada de forma exemplar em duas das suas obras, já anteriormente, aliás, objeto de menção

neste artigo: *How to Observe Morals and Manners* (Martineau, 2013 [1838]) publicada em 1838 e *Society in America*, publicada em 1837. Quanto à primeira delas, trata-se de uma versão revista e aumentada dos escritos de Martineau produzidos durante a sua travessia pelo Atlântico rumo aos Estados Unidos da América em 1834. Constitui, para diversos estudiosos da obra da autora, o primeiro tratado de metodologia no contexto da sociologia (ver, por exemplo, Hoecker-Drysdale, 1992, p. 53; Schaefer, 2006, p. 10; Hill & Hoecker-Drysdale, 2003b, pp. 8-9 e 18; Lengermann & Niebrugge, 1996, pp. 296-297). Enquanto a expressão *morals* se referia a aspetos normativos da organização social e os respetivos valores, a designação *manners* enunciava o comportamento social efetivo dos indivíduos e os padrões de interação e relacionamento entre si (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 51). Não era, portanto, limitado o objeto de estudo a que Martineau se entrega ao longo das páginas de *How to Observe...*

Em concreto, o conteúdo desta obra trata quer da forma como pesquisar os factos sociais quer do que é pertinente tomar como objeto de estudo. Encontramos aí um esforço em sistematizar as linhas gerais de uma investigação sobre o enquadramento geral do funcionamento (*morals*) de uma determinada sociedade e das relações sociais (*manners*) que os indivíduos estabelecem no seu seio. É neste quadro geral que Martineau sugere um conjunto de orientações a adotar na pesquisa de factos e processos sociais, a saber, romper com preconceitos e assumir uma atitude de imparcialidade, sem eliminar a dimensão pessoal e humana que sempre percorre a pesquisa social e sociológica, como é o caso de cultivar uma atitude de abertura e empatia relativamente às pessoas em observação. Além disto, Martineau aconselha a procura de um enquadramento teórico adequado ao objeto em estudo e trabalhar os dados empíricos de acordo com uma análise capaz de distinguir o grau de importância dos fenómenos e acontecimentos sociais. Martineau estipula igualmente uma série de procedimentos a adotar na pesquisa sociológica que se prende com questões de sempre da metodologia do conhecimento científico das sociedades. Referimo-nos a questões ligadas com a amostragem, as condições de possibilidade de generalizações, o recurso a uma multiplicidade de formas de recolha e tratamento das informações (incluindo entrevistas, observação direta, utilização de dados quantitativos e de documentos vários, etc.). Acresce a isto uma preocupação da autora com a adoção de um exame autorreflexivo sobre as investigações que se levam a cabo.

De acordo com Martineau (2013 [1838], pp.23-70), quem pretende investigar seriamente a sociedade deve cumprir com uma série de requisitos de carácter filosófico,

moral e mecânico. A propósito dos primeiros (importantes, mas não suficientes), a autora inglesa clarifica que o pesquisador deve trabalhar

1. Com certeza do que é que ele quer saber;
2. Com princípios que podem servir como ponto de convergência e teste das suas observações;
3. Com, por exemplo, uma noção filosófica e definida, em vez de uma popular e vaga, sobre a origem dos sentimentos humanos de certo e errado;
4. E com uma convicção estabelecida de que as virtudes e vícios predominantes são o resultado de influências gerais gigantescas (*ibidem*, p. 51).

Isto pressupõe, pois, que, ao deparar-se com grupos ou populações de países diferentes do seu, o investigador deve visar a

exclusão do preconceito, tanto filosófico quanto nacional. Ele não deve permitir-se estar perplexo ou repugnado por ver os grandes fins da associação humana perseguidos por meios que ele nunca poderia ter concebido [...] Ele não deve supor que as suas reuniões sociais são um fracasso, porque eles comem com os dedos, em vez de com garfos de prata (Martineau, 2013 [1838], p. 25).

Para a autora inglesa, só por intermédio desta observação empírica se torna possível uma aproximação às diferentes representações e conceções do mundo real e um entendimento da pluralidade de pessoas e grupos sociais. Evidentemente que, para Martineau, como tem sido notado, a análise desse mundo requer uma atenção muito particular às linguagens utilizadas, como meio de compreensão e validação dos significados das narrativas, impressões e reações recolhidas no decurso da pesquisa das vidas quotidianas dos indivíduos (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 52).

Uma outra nota sobre *How to Observe Morals and Manners* refere-se à necessidade, já referida *en passant*, de definir um quadro teórico de análise que permita definir o relevo e a pertinência dos factos a observar. Sabemos como estes factos recobrem uma variedade enorme de domínios do social – a política, a economia, o religioso, o cultural, etc. – assim como se inserem em múltiplos processos, dinâmicas, grupos e instituições sociopolíticas. A observação da estrutura interna da obra de Martineau (Martineau, 2013 [1838]), faz destacar, entre outros, os seguintes domínios, práticas socioculturais e instituições dignas da maior atenção em termos de pesquisa: Igrejas, classes sociais e

atividades económicas, mercados, superstições, suicídios, casamentos, mulheres, crianças, jornais, escolas, artes, invenções, legislação e discursos. Este elenco de objetos de estudo constitui o que se pode entender ser o “quadro macrosociológico” que o pensamento de Martineau percorre (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 52) e que, tal como faz a sociologia de hoje, obriga a reconhecer o lugar central das culturas populares, das famílias, do complexo jurídico, da educação e das mudanças políticas e culturais, económicas e tecnológicas.

Quanto a *Society in America* (1837a e 1837b), trata-se de uma obra na qual Martineau deu conta da pesquisa efetuada durante a sua permanência nos Estados Unidos da América entre 1834 e 1836⁷. Essa investigação foi já conduzida inspirada nos princípios metodológicos que estabeleceu na viagem ao partir de Inglaterra e que, como foi referido anteriormente, acabaram por se constituir como uma espécie de esboço ou versão preliminar de *How to Observe Morals and Manners*. O estudo levado a cabo nos Estados Unidos foi marcado pela amplitude, diversidade e abundância em termos de locais visitados, dos perfis sociais, económicos, étnicos e culturais das pessoas com quem estabeleceu contacto direto, bem como da utilização de técnicas diferentes de recolha de dados. A autora inglesa “visitou prisões, hospitais, asilos para doentes mentais, instituições literárias e científicas, fábricas, plantações e fazendas e viveu em todos os tipos de habitações” (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 53).

Um dos pressupostos assumidos na análise da estrutura e vida sociais norte-americanas foi ter em conta as relações entre os textos fundadores da jovem democracia, os diferentes valores e representações (*morals*) e as práticas concretas dos indivíduos e grupos sociais e os seus padrões de interação e relacionamento (*manners*), vendo em que medida essa mesma articulação revelava uma maior ou menor (in)congruência.

Naquilo que de otimista teve a visão de Martineau sobre os Estados Unidos da América aparecem os seguintes pontos (nomeadamente em termos de comparação com a Inglaterra): “a economia e a crescente divisão do trabalho oferecendo grandes oportunidades; a educação como mais acessível para todas as crianças; leis de propriedade e casamento mais justas para as mulheres; recursos naturais em abundância e beleza natural como ofertas para todos” (Hoecker-Drysdale, 1992, p. 54). No entanto, em termos críticos, a avaliação de Martineau centrou-se de forma muito forte na análise dos aspetos negativos referentes à existência da escravatura nos Estados Unidos da América e à subordinação a que estavam sujeitas as mulheres – a autora inglesa chegou a falar mesmo da “não existência política das mulheres” (Martineau, 1837a, p. 148) que é, aliás, o título de uma das secções do

capítulo intitulado “Morals of Politics”. Apesar de algumas das suas leituras da situação social nos Estados Unidos terem um pendor otimista, em face do observado nessa sociedade, Martineau concluiu:

“A civilização e a moral dos americanos estão muito abaixo dos seus próprios princípios. É suficiente dizer isto. É melhor do que contrastá-las ou compará-las com a moral e a civilização europeias: contraste e comparação tais que não podem responder a nenhum propósito, a não ser na suposição, que não penso ser justa, de que a sua moral e civilização são derivadas da sua organização política” (Martineau, 1837b, p. 369).

Para concluir, gostaríamos de recordar que, como este artigo mostrou em alguns momentos, Harriet Martineau foi apenas um dos casos de intelectuais cuja obra não foi objeto de consideração no âmbito dos legados precursores e clássicos da sociologia. No elenco das ausências e esquecimentos, além das mulheres de que fizemos referência neste texto, estão também homens e, de uma forma mais geral, pensadores e pensadoras que se situam geograficamente fora dos centros do saber europeu e norte-americano. Vineeta Sinha (2007) dá-nos alguns exemplos do que se acabou de referir, tendo em conta autores que, em conjunto com o seu colega Alatas, dá a conhecer nas suas aulas: além de Harriet Martineau e de outros clássicos da sociologia que permaneceram sempre em destaque, encontram-se os nomes de “Jose Rizal, Ibn Khaldun, Pandita Ramabai Sarasvati e Ram Mohan Roy” (Sinha, 2007, p. 18). Relativamente às ausências e marginalizações que se podem apontar ao cânone sociológico, há, pois, muitos outros nomes objeto de “regresso” ou que o deveriam ser. Como nos afirma Sinha (2007, p. 22), “É hora de essa falta de atenção ser problematizada e dos profissionais atuarem com base nisso”.

Notas

¹ De acordo com Hoecker-Drysdale (1992, p. 1), nos anos 70, Alice Rossi “identificou Martineau como a primeira socióloga”, qualificação por si partilhada bem como por Michael R. Hill (2013, p. li), um dos grandes divulgadores da obra de Harriet Martineau, que, nos finais dos anos 80, escreveu a introdução da reedição da obra metodológica principal da autora, *How to Observe Morals and Manners*, surgida originalmente em 1838

² Trata-se de um círculo que agregava autoras como “Edith e Grace Abbott, Sophonisba Breckinridge, Florence Kelley, Frances Kellor, Julia Lathrop, Annie Marion MacLean, Virginia Robinson, Anna Garlin Spencer, Jessie Taft e Marion Talbot, entre outras” (Lengermann & Niebrugge, 1996, p. 316). Os seus trabalhos centram-se, em termos cronológicos, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

³ Não deixa de ser interessante assinalar que, tendo a primeira edição inglesa de *Sociologia* sido publicada em 1989, só a partir da 4ª edição, publicada em 2001, é que A. Giddens inscreve Harriet Martineau como referência entre os nomes pioneiros da sociologia (Giddens, 2001, pp. 14-15).

⁴ No entanto, em termos gerais a nível nacional, tudo aponta para níveis limitadíssimos no que respeita à receção e trabalho à volta do pensamento e textos de Harriet Martineau.

⁵ No mesmo sentido, encontra-se o balanço efetuado por Michael R. Hill (2017, pp. 72-73), ao avaliar o crescente interesse pelas ideias de Harriet Martineau especialmente desde finais do século XX até à atualidade. “Começando com o final da década de 1990, Martineau é cada vez mais citada em manuais introdutórios como uma figura fundacional, mas raramente os sociólogos fazem uso substantivo das suas ideias e percepções da mesma maneira que empregam rotineiramente as de Tocqueville, Durkheim ou Weber” (*ibidem*, p. 72).

⁶ Carlos Fortuna faz destacar o modo como, no decurso dos séculos XVIII e XIX, o confronto epistemológico entre as *moral sciences* e o campo da sociologia ainda em formação, que Martineau experienciou, viria a conceder primazia às variáveis durkheimianas e weberianas da explicação do mundo, o que permitiria à sociologia distanciar-se das “ciências do indivíduo” e abordar a sociedade como organização coletiva (Fortuna, 2012). O trabalho intelectual de Harriet Martineau é uma clara demonstração das tendências cruzadas deste conflito cognitivo e epistemológico.

⁷ Uma boa síntese da abordagem sociológica da realidade dos Estados Unidos da América levada a cabo por Harriet Martineau encontra-se em Hoecker-Drysdale (2003b, pp. 46-52). Para uma comparação entre essa abordagem e aquela feita por Alexis de Tocqueville na obra *Da Democracia na América* (1835-1840), resultante igualmente de uma viagem feita aos Estados Unidos na primeira metade do século XIX, veja-se Hill (2003, pp. 59-74). Michael R. Hill argumenta no sentido de o trabalho de Martineau sobre a sociedade norte-americana ter uma sustentação empírica e procedimentos de recolha e análise das informações assentes numa maior validade metodológica do que o trabalho do autor francês.

Por decisão pessoal, os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

Referências bibliográficas

Duarte, C. L., & Feijão, J. M. (2012). As Faces de Harriet Martineau (1802-1876). *Faces de Eva*, 28, 27-42.

Ferreira, J. M. C., Peixoto, J., Carvalho, A. S., Raposo, R., Graça, J. C., & Marques, R. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Escolar Editora.

Fortuna, C. (2012). A crise e a sociologia do reverso. *Revista Espanhola de Sociología*, 18, 93-96.

Giddens, A. (2001). *Sociology*. 4ª edição. Cambridge: Polity Press.

Giddens, A. (2013). *Sociologia*. 9ª edição portuguesa (tradução da 6ª edição em língua inglesa datada de 2009). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hill, M. R. (2003). A Methodological Comparison of Harriet Martineau's *Society in America* (1837) and Alexis De Tocqueville's *Democracy in America* (1835--1840). In M. R. Hill & S. Hoecker-Drysdale (eds.), *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 59-74.
- Hill, M. R. (2013). Introduction to the Transaction Edition: Empiricism and Reason in Harriet Martineau's Sociology. In H. Martineau, *How to Observe Morals and Manners*. New Brunswick, London: Transaction Publishers (reimpressão do livro de Martineau publicado em 1838, antecedido de prefácio e introdução da autoria de M. R. Hill).
- Hill, M. R. (2017) Harriet Martineau: the founding and re-founding of sociology. In V. Sanders & G. Weiner (eds.), *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines: Nineteenth-century intellectual powerhouse*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 69-83.
- Hill, M. R., & Hoecker-Drysdale, S. (eds.) (2003a). *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge.
- Hill, M. R., & Hoecker-Drysdale, S. (2003b). Taking Harriet Martineau Seriously in the Classroom and Beyond. In *idem* (eds.), *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 3-22.
- Hoecker-Drysdale, S. (1992). *Harriet Martineau: First Woman Sociologist*. Oxford, New York: Berg.
- Hoecker-Drysdale, S. (2003a). Harriet Martineau and the Positivism of Auguste Comte. In M. R. Hill & S. Hoecker-Drysdale (eds.), *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 169-189.
- Hoecker-Drysdale, S. (2003b). Harriet Martineau. In G. Ritzer (ed.), *The Blackwell Companion to Major Classical Social Theorists*. Malden, Oxford, Melbourne, Berlin: Blackwell Publishing, 41-68.
- Lengermann, P. M., & Niebrugge, J. (1996). Early Women Sociologists and Classical Sociological Theory: 1830-1930. In G. Ritzer, *Classical Sociological Theory*. Nova Iorque: McGraw-Hill International Editions, 294-328.

- Lengermann, P. M., & Niebrugge, J. (2003). The Meaning of ‘Things’: Theory and Method in Harriet Martineau’s *How to Observe Morals and Manners* (1838) and Émile Durkheim’s *The Rules of Sociological Method* (1895). In M. R. Hill & S. Hoecker-Drysdale (eds.), *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge, 75-97.
- Lopata, H. Z. (2003). Introduction. In M. R. Hill & S. Hoecker-Drysdale (eds.), *Harriet Martineau: Theoretical and Methodological Perspectives*. Nova Iorque, Londres: Routledge, xiii-xvii.
- Martineau, H. (1837a). *Society in America*. Vol. I, Nova Iorque, Londres: Saunders and Otley.
- Martineau, H. (1837b). *Society in America*. Vol. II, Nova Iorque, Londres: Saunders and Otley.
- Martineau, H. (2013 [1838]). *How to Observe Morals and Manners*. New Brunswick, Londres: Transaction Publishers (reimpressão do livro de Martineau publicado em 1838, antecedido de prefácio e introdução da autoria de M.R.Hill).
- Ritzer, G. (1996). *Classical Sociological Theory*. Nova Iorque: McGraw-Hill International Editions.
- Sanders, V., & Weiner, G. (eds.) (2017). *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines: Nineteenth-century intellectual powerhouse*. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- Schaefer, R. T. (2006). *Sociologia*. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil.
- Silveirinha, M. J., & Ferreira, V. (2019). Harriet Martineau: socióloga radical e feminista *avant la lettre*. In J. L. Garcia & H. Martins (orgs.), *Lições de sociologia clássica*. Lisboa: Edições 70, 65-107.
- Sinha, V. (2007). Harriet Martineau – Social Thinker and Methodologist: In Danger of Being Forgotten Once Again?. National University of Singapore (Sociology Department), *Sociology Working Paper*, nº 182.

